

Observações: críticas ou nostálgicas?*

Heloísa Buarque de Hollanda

Revisitar trabalhos antigos traz sempre uma dor difusa. Ainda mais este, os 26 *Poetas Hoje*, que se constituiu de certa forma como minhas primeiras impressões digitais profissionais. O que será que hoje, passados 20 anos de sua publicação, eu diria sobre este trabalho? Não escolhi organizar essa Antologia. Portanto, não foi um crime premeditado, mas seguramente um gesto inocente também não foi. Se houve uma questão que povoou, com ansiedade, toda minha trajetória profissional, foi a das relações entre política e cultura.

Estávamos no início da década de 70, uma época de grande susto e medo, na qual as universidades, o jornalismo e a produção cultural, à imagem e semelhança do Congresso, entraram em recesso por tempo indeterminado. Da euforia Tropicalista nas artes e nas manifestações políticas, passou-se à disforia que meu amigo Zuenir Ventura, num certo e memorável balanço da década, definiu como o *vazio cultural*. Mas não é essa a história que me cabe contar nesse momento.

O que interessa é que, por volta de 1972-1973, surgiu, assim como se fosse do nada, um inesperado número de poetas e de poesia tomando de assalto nossa cena cultural, especialmente aquela freqüentada pelo consumidor jovem de cultura, cujo perfil, até então, vinha sendo definido pelo gosto da música, do cinema, dos shows e dos *cartoons*. Esse surto poético, que a cada dia ganhava mais espaço, só podia, portanto, ser visto como uma grande novidade. Além disso, nos lendários anos 60, marcados pela intensidade da vida cultural e política no país, a produção literária, ainda que fecunda, ficara um pouco eclipsada pela força e originalidade dos movimentos artísticos de caráter mais “público” como o cinema, o teatro, a MPB e as artes plásticas. Tínhamos, portanto, uma dupla novidade: a literatura conquistava um público em geral avesso à leitura e conseguia recuperar seu interesse como produto original e mobilizador na área da cultura.

Atraída por esta ostensiva presença da poesia, comecei a me interessar por este fenômeno que, na época, foi batizado com o nome *poesia marginal*, sob protestos de uns e aplausos de outros.

Além de fenômeno quantitativamente intrigante, o exame desta produção sinalizava outros traços curiosos e paradoxais. Era uma poesia aparentemente *light* e bem-humorada, mas cujo tema principal era grave: o ethos de uma geração traumatizada

* Texto publicado originalmente na Revista Poesia Sempre, n. 8, ano 5, da Fundação Biblioteca Nacional, em junho de 1997.

pelos limites impostos à sua experiência social e pelo cerceamento de suas possibilidades de expressão e informação através da censura e do estado de exceção institucional no qual o país se encontrava. Ao mesmo tempo, era uma poesia “não-literária”, mas extremamente preocupada com a própria idéia canônica de poesia. Preocupação que se auto-denunciava através de uma insistência sintomática em “brincar” com as noções vigentes de qualidade literária, da densidade hermenêutica do texto poético, da exigência de um leitor qualificado para a justa e plena fruição do poema e seus subtextos.

Além disso, mostrava-se como uma poesia descartável, biodegradável, que parecia minimizar a questão de sua permanência ou até mesmo de sua inserção na tradição literária, mas que desenvolvia, com grande empenho, tecnologias artesanais e mercadológicas surpreendentes para a produção, divulgação e venda de seu produto.

Decidi fazer da poesia marginal meu objeto de pesquisa. Mapeava os núcleos produtores, acompanhava os eventos e lançamentos, recolhia e analisava os livrinhos, os poemas & seus poetas. De repente, meu próprio cotidiano afetivo foi permeado pela presença dos marginais, com a maioria dos quais convivi, desenvolvi trabalhos conjuntos, fiz amizades, cumplicidades e atravessei aqueles “negros verdes anos”, como, mais tarde, escreveria Cacaso.

Deve ter sido por isso que fui procurada por um dos diretores da Labor, recém-chegado ao Brasil, que andava buscando uma novidade para editar como o primeiro lançamento da filial brasileira da conhecida editora espanhola. Juan me sugeriu que organizasse uma antologia com “los poetas marginales, hijos de la dictadura”. Ainda que eu tenha achado, num primeiro momento, uma proposta um tanto institucional para aqueles que exatamente estavam recusando, com êxito, os canais tradicionais das editoras comerciais, fiquei mordida pelo impacto que esta publicação poderia produzir no debate cultural meio morno daquele momento. Aceitei o convite.

Portanto, a idéia da hoje clássica Antologia infelizmente não foi minha, mas de um viajante estrangeiro que viu, nessa poesia rápida e rasteira, um potencial polêmico nada desprezível para uma editora que se lançava no mercado.

Chamei Chico Alvim e Cacaso como consultores *ad hoc* para a seleção daquele vastíssimo material que me inundava as gavetas, arquivos e tapetes. Tudo certo, chegou a hora que eu mais temia: a decisão dos critérios de escolha, ou seja, de inclusão/exclusão de nomes e textos na Antologia. Foi nesse momento que percebi a arbitrariedade e a natureza autoral da organização de uma antologia, o que, até então, pensava ser uma atividade simples, lógica e quase-burocrática.

Em primeiríssimo lugar, conhecendo o material como eu conhecia, também sabia que um de seus maiores trunfos era um certo ecletismo, uma recusa em se deixar identificar claramente como um “movimento” ou mesmo como uma “tendência”, uma recusa até mesmo de explicitar qualquer projeto estético, comportamental, social. O material de que eu dispunha era vastíssimo. Qual seria o denominador comum que poderia me ditar os contornos do inevitável *critério* que iria orientar a organização deste trabalho que eu tinha pela frente? Sentia-me como se estivesse diante do velho teste *Rochard*. O que Roberto Schwarz teria a ver com Chacal? Zulmira Tavares com Torquato Neto? O que Antonio Carlos Secchin teria a ver com Leila Miccolis? Em vez de responder livremente à provocação do teste que se me apresentava pela frente, procurei, medrosa, reaver alguns parâmetros críticos e teóricos que já tinha no bolso. Argumentei então que, do ponto de vista da linguagem, essa poesia seria uma alternativa à hegemonia das vanguardas, da tradição cabralina bastante influente naquele momento, e que parecia representar uma retomada do modernismo de 1922. Afirmava isso tomando por base o uso do humor, a invasão dos fatos insólitos e cotidianos no território literário, a presença de uma dicção trabalhadamente informal no olimpo poético, o desejo renitente de reunir, com um só golpe de linguagem, arte e vida. Fazia um certo sentido. Estávamos ainda em plena era dos formalismos experimentais. O próprio Tropicalismo, movimento anárquico, “popular” e agressivo, portanto, anunciando já um rompimento com a noção de cultura “cultura”, foi procurar sua legitimação artística através da vanguarda concretista de São Paulo. Por aí, avessa ao enquadramento formal e valorizando abertamente a distensão coloquial, a poesia marginal na realidade apresentava um certo parentesco – talvez menos estético do que de “intenções” – com nosso movimento modernista. Parecia que eu tinha descoberto meu álibi. Chico e Cacaso aplaudiram o achado. Hoje, vejo que, nesse desvio nobre, perdi meus melhores argumentos.

O que realmente me atraiu nesse material não foi a unidade que eu dizia procurar ao defini-lo para justificar o conjunto dos participantes da Antologia, mas, muito pelo contrário, o claro direito ao dissenso que este material começava a reivindicar em nossa produção cultural. A variedade de estilos, projetos e “crenças” que encontrei nesta última releitura dos 26 me encantou. É bem verdade, que na organização deste conjunto, não desgrudei o olho de sua representatividade enquanto registro político naquele momento de extremado rigor da censura. Um exame atual desse material, vai ler, com muita facilidade, em cada poema-piada, em cada rima, em cada “ouvido ao acaso”, um elo da experiência social da geração AI5, uma geração cujo traço distintivo foi exatamente o de

ser coibida de narrar sua própria história. Cacaso na época dizia: “Isto não é um movimento literário. É um **poemão**. É como se todos estivéssemos escrevendo o mesmo poema a 1.000 mãos”. Portanto, o que, na realidade, unia aquele sem-número de poetas & poemas era uma aguda sensibilidade para referir – com maior ou menor lucidez, com maior ou menor destreza literária – o dia-a-dia do momento político que viviam. Talvez por isso, recusassem tão acidamente a qualificação “marginal”, que terminou oficializando sua entrada na literatura.

Com o tempo a gente se esquece do que foi a convivência com um estado de exceção. Mas, ao reler agora a introdução que escrevi na época, o que mais me chamou a atenção foi a total ausência de qualquer menção minha ao quadro histórico que contextualiza esta poesia. Fui, neste sentido, o maior exemplo do exercício pleno e “natural” da auto-censura que me levou a omitir, nada mais, nada menos, do que o objetivo central da pesquisa que desenvolvi durante oito anos sobre os subtextos políticos e os desafios interpretativos da aparentemente ingênua e descompromissada poesia marginal.

É interessante lembrar ainda que a Antologia não foi recebida pacificamente. Um pouco, todos se irritaram: imprensa, professores, críticos, poetas. A academia repetia, com uma insistência inexplicável, que “aquilo não era poesia, era um material de interesse apenas “sociológico”. Hoje, mais distante do calor daquela hora, me pergunto: o que estaria sendo entendido (dito) ali como “sociológico”? Qual seria a cotação da sociologia em relação à literatura, à história e à antropologia na bolsa de valores da crítica dos anos 70? Havia ainda alguns poetas e professores, conhecidos como progressistas, que escreveram acalorados artigos comentando a inadequação do baixo calão do vocabulário usado por aquela poesia. O advento dos marginais conseguiu até acirrar a provinciana disputa Rio-São Paulo, provocando afirmações que denunciavam, na proliferação bem sucedida dos livrinhos de poesia alternativa – pasmem! – uma manobra da crítica carioca contra o concretismo paulistano. Havia ainda estudiosos de impostação aparentemente marxista que procuraram definir a falta de qualidade desta produção literária como um reflexo da “piora” da própria sociedade, agora inexoravelmente controlada por impulsos consumistas.

Ou seja, essa poesia *ruim, suja e sem qualidade* ocupou um espaço para mim totalmente inesperado na imprensa e nos debates acadêmicos da época de seu lançamento na *Antologia 26 Poetas Hoje*. Isso parece demonstrar que talvez essa poesia *ruim* estivesse tocando em necessários pontos obscuros do debate literário ainda

em mãos ortodoxamente modernistas. Talvez arranhasse, mesmo de forma incipiente e desorganizada, pontos nevrálgicos que já configuravam as grandes quebras que viriam marcar a inflexão cultural das décadas seguintes. Penso aqui especialmente nos indícios de uma mudança de eixo que Andreas Huyssen apontou ao examinar o desmoronamento do “grande divisor”, isto é, da distinção entre arte culta e cultura de massa, imposta de forma categórica pelo discurso moderno e pela arte modernista. Não diria que a poesia marginal, mesmo sinalizando mudanças paradigmáticas e anunciando-se plural, já estaria anunciando uma inflexão pós-moderna. Seria bobagem. Não encontro traços definidos da arquitetura de citações e do pensamento minimalista pós-moderno; não vejo o gosto da erudição associando-se aos gêneros populares; não vejo a encenação agressiva da violência ou da sexualidade; não vejo o narrador *outsider* privilegiando a dimensão espacial à temporal, não vejo, sobretudo, a razão cínica comprimindo o futuro no presente. Seria irresponsável de minha parte repetir a façanha de defini-la como uma reapropriação do modernismo, como fiz na introdução da Antologia, revisitando-a hoje como um antecedente do pós-moderno. Além do que, nestes vinte anos que nos separam de seu lançamento, aprendemos a temer os riscos e traições com os quais a própria idéia de periodização pode nos surpreender.

Prefiro pensar nos *26 Poetas* como um trabalho irrecusável, visceralmente contextualizado, feito a várias mãos, que marcou minha vida tanto pessoal quanto profissional e construiu um *cluster* político-literário que, seguramente, ainda não disse tudo a que veio naqueles idos de 1976.

Há ainda uma dúvida que não me coloquei, não por esquecimento, (penso nela desde a primeira linha destas observações), mas por não querer pensar nisso: por que, proporcionalmente, tantos mortos entre meus jovens 26 poetas?